

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
NOS 25 ANOS DA AIP
A CINEMATECA COM A ASSOCIAÇÃO DE IMAGEM PORTUGUESA
24 de novembro de 2023

HOTEL IMPÉRIO / 2018

Um filme de Ivo M. Ferreira

Realização: Ivo M. Ferreira / Argumento: Ivo M. Ferreira, Edgar Medina / Consultoria de Argumento: Margaret Glover / Direção de Fotografia: Susana Gomes / Montagem: Sandro Aguilar, Ricardo Tabosa (1.º assistente), Aegon Chang (2.º assistente) / Câmaras: Leandro Silva, António Sanmarful (1.º assistente), Simmy Cheong e King Chong (2.º assistentes) / Assistência de Vídeo: Francisco Hestnes / Direção de Som: Ricardo Leal / Perchista: João Gazua / Direção de Arte: Andrew Wong / Guarda-roupa: Lucha D'Orey / Assistência à Realização: João Pinhão e Emídio Miguel (Portugal), Tracy Choi (Macau) / Assistência ao Casting: Heidy U / Anotação: André Godinho / Interpretações: Margarida Vila-Nova (Maria), Rhydian Vaughan (Chu), Kam, Kwok Leung (Jin), Sun Jiajun (Mama San), Eliz Lao (Lili), Cândido Ferreira (Gustavo), Tiago Aldeia (Edgar), Jess Mendoza (Empregado de Hotel), Sam Mei Kan (Ah Yong), Florence Cheong (Senhoria), Jill Ieong (Rapariga 1), Belinda Ng (Rapariga 2), Heidi U (Rapariga 3), Sam Weng Kan (Gerente do Clube), Clara Chu (Costureira) / Cópia: DCP, a cores, falado em cantonês, português e inglês, com legendas em português / Duração: 82 minutos / Estreia Mundial: Outubro de 2018, Pingyao International Film Festival / Estreia Nacional: 9 de maio de 2019 / Primeira apresentação na Cinemateca.

Com a presença de Susana Gomes.

Susana Gomes, diretora de fotografia que tem acompanhado a progressão da carreira de Ivo M. Ferreira, preenche, em tons predominantemente escuros, entre o vermelho, o preto e o dourado, a paleta de **Hotel Império**, obra que o próprio realizador quis que servisse de síntese de vários tempos. Aponta para o universo de Wong Kar-wai, sendo que me parece inevitável o espectador cinéfilo pensar em **In the Mood for Love** (2000), face ao *décor* algo labiríntico da pensão a que o título alude e ao jogo de sedução desenrolado entre uma mulher forte (Margarida Vila-Nova), nascida em Portugal, que “aguenta o barco” de um negócio familiar sem sustentabilidade financeira, e um homem-mistério (a estrela do cinema taiwanês Rhydian Vaughan) que, como uma ave de rapina, anda a rondá-la (a ela e ao negócio? A ambos? Ou só a ela, enfim?).

Ivo M. Ferreira, que fundou a sua primeira produtora em território macaense, e nele enterrou a semente do seu cinema, parece estar “condenado” a um regresso. Confidenciou, no documentário de Ariel de Bigault, **Fantasma do Império** (2021), o seguinte: “Havia uma espécie de medo de ser o último filme feito em Macau, mas eu volto sempre a lá filmar e espero voltar em breve. De alguma forma, era um filme-síntese que ia buscar coisas de vários tempos que eu queria trabalhar: claro que a ação se passa no presente próximo, aparentemente, porque estão lá as coisas todas que existem hoje em dia”. Acrescenta que a sua ideia era “ser tudo possível, coisas que

podiam acontecer nos anos 60, outras podiam ter acontecido nos anos 30, outras podiam ter acontecido nos anos 80. Esse lado intemporal acaba por ter alguma graça.” De facto, se a paleta aponta para Wong Kar-wai, a estrutura elíptica da narrativa também não está longe da gramática que celebrizou o cineasta de Hong Kong: **Hotel Império** é uma obra dramaticamente descontínua, onde a elipse (solução de montagem que acentua, no tecido temporal do filme, um salto qualquer sobre o vazio) é usada como metáfora para o lugar. A montagem de Sandro Aguilar privilegia mais o não-dito, ou o apenas sussurrado ou gestualizado, por relação ao que possa ser claramente declarado ou explicado, participando, deste modo, numa linguagem cravejada de omissões, desencontros e incomunicabilidade, mais ou menos à maneira de Michelangelo Antonioni (por sinal, cineasta que também filmou na China). Portanto, às ruelas de Macau, por onde as personagens e a câmara, com(o) elas, se perde, corresponde um campo sonoro e visual deslaçado. Parece-me ser por via desse deslaçamento que Ivo M. Ferreira produz a dita síntese temporal, propositadamente “incongruente”.

Não é evidente – nada o é inteiramente aqui, como tentei explicar – esta espécie de jogo de esconde-esconde entre as personagens e o lugar que elas ocupam nesta Macau de vários tempos – há também qualquer coisa de Hou Hsiao-Hsien por, neste filme, não estarmos totalmente certos do tempo histórico, ainda que, paradoxalmente, sintamos de maneira intensa o tempo a ser torcido e dilacerado. Com efeito, sentimos o tempo como em poucas obras do mesmo cineasta, mesmo que este, de facto, se tenha especializado na criação de espaços de omissão, que desencobrem – ou nascem de – tensões, se não históricas, pelo menos *da história* (por exemplo, **O Estrangeiro** [2010] e **Na Escama do Dragão** [2013], só para citar mais dois títulos realizados em Macau e em colaboração com a mesma diretora de fotografia, são obras sobre, respetivamente, um desencontro no tempo e no espaço, e um encontro, em que a história do império, não o hotel mas o Portugal [ainda] colonial, embate com o passado e a atualidade de Macau).

Hotel Império é, por isso, como um palimpsesto que impõe uma leitura em profundidade, procurando dar a ver de onde vem o gesto cinematográfico de Ferreira e como se foi metamorfoseando com o passar dos anos – é preciso, então, seguir o passo daquele homem que vemos a passear com a gaiola na mão, andando às arrecuas, convidando ao *flash-back*. É importante notar como a primeira obra de Ivo M. Ferreira, corealizada por António Pedro, **O Homem da Bicicleta** (1997), era, como se lê na respetiva Folha de Sala da Cinemateca Portuguesa assinada pelos dois autores (Antestreia, 25 de maio de 1998), “uma declaração de amor a Macau (provavelmente de ‘most incredible place on earth’)”, filme lançado antes da devolução da antiga colónia portuguesa à China. O cinema de Ivo M. Ferreira parece alojar, e procurar sintetizar, este ponto de partida, que é um ponto-limiar na história do território, suas gentes e respetiva cultura. Querendo agarrar vários tempos, ou até todos os tempos, é natural que algo se perca pelo caminho, que o labirinto das ruas se transforme num labirinto de imagens tracejadas por uma ideia de fuga ou de insustentável permanência.

Luís Mendonça